

Publica-se aos sábados
 sob os auspícios da Liga
 Anticlerical do Rio

ASSINATURAS: 10\$000
 SEMESTRE 6\$000
 PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
 há a diferença do porte do Correio.

CINISMO!

A mentira de que se servem os propagandistas, responde a verdade perdida dos lábios e do coração daqueles que do Brasil fizeram sua segunda pátria.

(Do Correio da Manhã)

O facto de terem as associações de trabalhadores enviado a Europa delegados, seus representantes de peitar lá fora contra a lei Gordo e fazer ver aos proletários que para aqui pretendiam vir as verdadeiras condições de vida que os esperam, tem feito perder a celeridade e o caso aos nossos impavidos e brios burgueses.

Pela voz dos seus arautos da imprensa expectaram-se a uma...

Então é mentira que se tenha votado uma lei com o intuito evidente de obstar a que os trabalhadores se associem para tratar dos seus mais legítimos interesses, diante da ganância cada vez maior dos senhores capitalistas?

Será mentira dizer que aqui, nos campos cheios de bichos de pé, de tramoia, da malária, do calor-tórrido do trópico, noventa por cento dos trabalhadores que para aqui vêm, robustos e cheios de vida, no fim de alguns anos não são mais que uns esqueletos ambulantes?

Será ainda mentira fazer-lhes ver que nas fabricas e oficinas não se tira dez por cento de turbaricos que não estejam tuberculosos, cachecticos, e que crianças de 8 e 9 anos at trabalhem dez e mais horas por dia?

Megritar também a deportação de trabalhadores, o assalto às suas associações de classe, os esbarramentos barbaros nas prisões por autoridades feroces e sem escrúpulos quando se trata de bem servir os seus amos, muito alto colocados?

Pois fica baltado que continuamos aqui e lá a força a mentir, isto é, a desmascarar-nos. Para isso já percorrem os diversos países fornecedores de escravos brancos homens que se riem das leis scleradas do tipo Gordo e de quaisquer outros que a cobardia promulgue.

Quanto a ver o *artigueiro* a propaganda em Portugal para ir de associações operarias, isto é do meio social onde maior numero de adeptos conta o governo presidido pelo sr. Afonso Costa, nos mostra apenas a ponta do rabo de um destes bichos que vivem a lambor os praios e a roer os ossos que os seus senhores deixam cair da mesa-farta.

Nos centros italianos e espanhóis farão o seu dever os nossos companheiros destes países, não obedecerão a vis interesse, mas como homens que têm por missão arrancar as maracanhas de abomináveis gozadores, de hipocritas sem escrúpulo, de individualistas para os quais a vida de outro homem não pesa na balança dos seus interesses.

Na França, neste centro de onde irradiam todas as ideias generosas, lá temos o grande órgão dos trabalhadores. A *Batalha Sindicalista*, *Os Tempos Novos*, *A Guerra Social*, *O Libertário* e outros que nos ajudam na tarefa, não havendo necessidade, nem a isto descaçamos de entrarmos em combates com chefes de governo, pois todos trazem mais ou menos a mostra o mesmo rotulo. A experiencia já está feita.

Demais, queirais saber para onde temos neste momento voltadas as nossas vistas, é para estes companheiros mexicanos que, cansados de sofrer fome e miséria, quebraram as algemas e saltaram para a arena, e belos, ativos, impavidos, sob as dobras da *Baudera* jogando em prática o que se lê

no alto da 1.ª pagina do seu órgão *Regeneracion*: «Viver para ser livre, ou morrer para deixar de ser escravo», carregam a fundo contra os exploradores de toda especie: tonsurados, agalottos, togados, encasacados e toda a corja de castrados que os sustentam.

Hugo resumiu numa palavra expressiva a suprema coragem de um heroi.

Pois é com a mesma palavra que respondemos a todos os cinismos que escrevem a tanto por linha.

Rio, 16 - 2 - 913

Adreacal.

FARPAS

EMINENTE PATRIARCA

D. AMORIM CORREA

Eminencia, covilho, olhos raios de agua pela amoção que me causou a vossa masculina figura, eu vos saúdo em nome da heresia satânica. Lá, sacrostante patriarca, a vossa estante carta pastoral que a *Gaucha*, muito prudente e num rasgo de louval altruismo, publicou em duas partes, para que não succedesse que algum leitor, lendo de cabo a rabo a vossa estúpida peça estulticia, não succumbisse, fulminado por uma apoplexia cerebral.

Patriarca emérito, eu vos confesso, rubro de vergonha, que achei simplesmente detestavel a vossa *soi-disse* pastoral, que mais me pareceu um relutante arágo do vosso ilustre patricio, sr. Joaquim Amante, o colaborador mais grandioso e constante das seções-livros dos jornais paulistas! Sim, eminente chefe de Igreja Nacional, a vossa pastoral é uma estúpida estopada.

Ha ali de tudo: pedacos pateticos, rivalizando com a arrebataria eloquencia de Lacordaire, trechos que recordam as apressadas da reportagem mambembe, periodos que fazem lembrar tetricas scenas de dramalhões em seis actos, e ha, por fim, a nota acatunada de que, quando aquilo escrevem, não capaz, para convencer o biepo ou outro qualquer rebelde, lançar mão do possante marmelero e, á antiga portuguez, dar pancada de eschalar.

Patriarca illustre, se o estilo é homem, vós sois tão complexo, tão transcendental e tão inspirado que não posso ser comprehendido.

A leitura demorada, paulatina, sorrida aos poucos, para que melhor fosse gozada, deixou-me esta convicção. Quis meditar sobre esta tão maravilhosa peça de uma forma irregular, como quem, muito ciente, se deliciasse com o edificacão com a leitura da *Imitação de Christo*, e conclui, ó sapiente patriarca de Itapira, que tudo quanto fazis, todo o escaudalo que pretendes levantar em torno de vossa tão anti-patriarcal pessoa, visa apenas uma questao de estomago e de funcionamento dos outros órgãos e que, portanto, não passais de um atilado explorador...

Custa-me dizer-vos, ó Patriarca emérito, ó Sublime e Inspirada Eminencia, mas fostes vós mesmo que o confessastes, numa soberba franqueza quasi divina, que não quizeis applicar uma outra parquilha de vos contra destinadas, porque em Itapira tihes algumas propriedades. Não quizeis, tambem, ficar validando em Campinas, porque o biepo, uma incoerencia que revolta, vos quiz dar apenas uma pensta de 200\$000 reis por mês, o que é uma ninharia para um homem que quer gozar!

Ah! Que doce reargimento do vero espirito cristão. Outrora o suposto leuro Nazareno não tinha onde repousar a cabeça: o seu patriarca, sua Eminencia D. Amorim Correa, funda a verdadeira Igreja do Pobre Cristo em Itapira, porque é ali que tem as suas propriedades. Em tempos que bem longe vão, o agulhandu Bahá, quejido das multitudes e desprezado dos honras, vivia á custa dos galgas, porque eram suas as suas posses. Sua Eminencia, o Patriarca de Itapira, sustenta — ah! que rasgo elevado de um



Os abutres fugindo espavoridos á luz do sol que os olhava.

Mascarada

(DO NATURAL)

São oito horas, o sol sorri, aguentando-nos com as suas chamas vivificantes. Uma animação desusada enche os baixos excêntricos; para o centro da cidade encaminham-se de todos os lados uma turba bizarra e variada: costureiras, mulheres de casa, mulheres elegantes, mudistas, vendedores ambulantes, garotos, estudantes, bufarinhos, soltinas, estudantes, velhotes, acotovelando-se todos, atirados e movidos todos por uma força irresistivel.

Ao ver dirigirem-se para um fim comum essas multidões, desfiliarem curiosos e apisonados esses rostos de ordinário tão insensíveis e indiferentes, enrugados apenas pelos cuidados cotidianos, pensamos que vão assistir a algum grave acontecimento. E como estou pouco ao corrente das noticias, lapso conjecturas sobre a causa de bondade. É porventura alguma obra de arte admiravel, recém-acabada por um artista de talento; ou uma maquina maravilhosa brotada do cerebro de algum poderoso inventor, executada por habéis operarios?

Talvez essa gente corra a protestar contra uma iniquidade social, ou contra a escuta a palavra justa e a voz de bondade. É porventura alguma argumentação vigorosa dum sábio. Em busca da decifração do enigma, tigo a onda assaltante e em breve me deitro uma multidão compacta, que enche os passeios e forma uma muralha viva. No meio da rua não se pode estar.

Essa multidão fala um linguageme estranho e lugubre; a cada passo se ouvem estas palavras: parquilha, de bem, padre, caridade, escola, cortejo... Advinha-se que se trata de religião, e consigo saber que se agita o cerebro do solene e grandioso enteiro dum cardinal.

Esse cardinal foi acaso um grande homem, cheio do saber, de espirito vivo, de um momento de expectativa, de bem-feitor de todos estes seres aqui comprimidos? Duvido: o sentimento que estas caras exprimem é a curiosidade, não a dor e a tristeza, ocasionadas pelo desaparecimento final dos seres que nos são caros. Agradeço o momento de expectativa, desemboca na rua um prestido dos mais extravagantes, avançando com uma lentidão de tartaruga. Quatro aquilões, matizados de branco, de vermelho, de dourados, de alabarda no ombro, rompem a marcha.

Seguem-se crianças de ambos os sexos, depois adultos, em seguida velhos, tudo com trajés tão grotescos que fazem estalar de riso. Baldamente se procura em todas estas fisionomias dor, tristeza, saudade, amor, em qualquer: visões só se descobrem nella hipocrisia, mentira, velhacaria, fingimento, morte.

La vem o esquife. Hipocritamente, fe-lo quasi simples casa rapa, admiradora secular das exterioridades pomposas e brilhantes. Passa lento e solene, descobrem-se crânios, mãos esbocam o sinal da cruz. Ali vai, de mãos dadas, a trindade sobre a qual assenta a nossa sociedade: clero, exercito, magistratura.

Quando cessarão os homens de adorar a morte para amar a vida? Quando deixarão de passar carnalmente cadáveres em decomposição, embora de uma Eminencia, pelas ruas e avenidas, para entender o perfume das flores e os cantos das aves, com a vida intensa por meio e por meios a sciencia, o auxilio mutuo e o trabalho?

Quando é que, finalmente, libertos de todos os cultos, chamem-se eles religiosos, patrióticos ou dos mortos, tristes e dolorosas heranças de anteriores seculos de ignorancia, se hão de rir dos superstitiosos terrores de seus antepassados e das arengas interessadas dos bonzos ignorantes, e hão de ir de mãos dadas, por entre o perfume das flores e os cantos das aves, com a vida intensa por meio e por meios a sciencia, o auxilio mutuo e o trabalho?

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

Segunda conferencia — A religião não consiste no sentimentalismo — A moral e a religião — Sentimento extraviado, suas consequências e seus responsáveis — Instrução religiosa.

Como é d. Sebastião Leme? Não consiste a religião catolica no sentimentalismo tão sómente?

Nem noutra coisa consiste ela — podemos vo-lo afirmar. E a prova é que a religiosidade no individuo vai baixando, á medida que a sua intellectualidade vai se elevando.

E a prova é que entusiastas verdadeiros pela religião só se encontram, hoje em dia, no sexo feminino, que é por natureza todo sentimental e nos espiritos *maricas e piegas*, que desatam a chorar, quasi bezerros desmamados, quando acompanham uma procissão do Entero da roça ou quando ouvem um padre, com a sua voz fanhosa de tabaguetta, cantar na Quarta-feira de Trevas uma lamentação de Jeremias.

Como não ha de repousar no sentimentalismo e nele unicamente consistir uma religião que se compõe apenas de lendas, de historias da carochinha, de narrativas comparáveis ás que fazem chorar em silencio as crianças, de noite, quando ouvidas de uma ama velha que lhes embala o berço?

E só e só sobre esse sentimentalismo, que, muita vez, em completo desacordo com a razão, faz, não obstante, vibrar as cordas do coração, que, no que pesa a d. Sebastião Leme, se oporia a religião, de que é ele representante.

Mas o bispo de Ortusia exige alguma coisa mais: ele quer que essa religião seja considerada o mais poderoso elemento moralizador da sociedade moderna.

Contra essa pretensão sua, os factos falam de maneira a mais eloquente e frizante. O nível moral da sociedade vai se elevando cada vez mais em consequencia dos progressos naturais realizados pelo espirito humano e a despeito da decomposição franca em que se encontram as crenças espiritualistas.

Para a moralização da sociedade o contingente oferecido hodiernamente pelo catolicismo é nulo.

Ninguém, hoje em dia, pratica o bem e deixa de fazer o mal com a esperança de recompensas eternas ou com o receio das penas infernaes, senão pela comprehensão dos seus deveres para com os individuos da sua especie ou então por medo da sanção civil, que é o unico meio frenador capaz de actuar sobre os espiritos refractarios ao aperfeiçoamento moral.

O homem vai ficando cada vez melhor porque a humanidade caminha para a sua fase positiva, na qual os instintos grosseiros, egoisticos, tendendo, de mais a mais, a ficar subordinados aos instintos nobres e altruisticos.

Esses instintos, que aqui mencionamos, não são expressões vagas, insignificativas, como milhares de outras de que estão saturadas a metafísica e a etica catolicas.

Eles são funções de órgãos cerebraes, cuja distribuição Comte conseguiu fazer segundo o seu metodo subjectivo, de modo que o desenvolvimento de uns e o aniquilamento de outros correspondem a fenomenos biologicos de caracter positivo e que a sciencia vai de dia para dia confirmando da maneira a mais irrefutavel.

Por tanto, se pela sua evolução natural, a Humanidade ha de ir ficando cada vez melhor sob o ponto de vista moral, a que vem attribuir-se esse facto ao Catolicismo, cuja acção

DIRECTOR:
EDGARD LEUNHOTH
 Redacção e administração
 Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
 Endereço telegraphico: LANTERNA
 Toda correspondência ao director

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA "LANTERNA" LEVANDAMOS QUE, DEPOIS DE A LEMER E DA MAXIMA UTILIDADE NAO DESTRUIREMOS. OS QUE NAO A GUARDAREM, PARA COLECCAO, DEVEM DA-LA A OUTRA PESSOA, LE-LA AOS QUE NAO TIVEREM LER, DEIXAR-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFEAS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS, NAS BARCAS, ETC., EM TODA PARTE, ENFIM, ONDE POSSA SER LIDA POR OUTRO. ESPALHAR E SEMEAR, É TORNAR-LA CONHECIDA, É FAZER DELA A PROPAGANDA, É CONQUISTAR NOVOS ADERIDOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBEM TODOS DEVEM ARRANHAR NOVOS ASSINANTES E DESINVELVAR A VENDA AVULSA, AFIM DE QUE POSSA PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANIMOS EMPENHADOS.

A CONFISSÃO

(Ao rev. padre Marcondes)

De erto o templo. No confessorio, Ouvia o nido padre á penitente. Que talvez mais que á Virgem do Sacra-

Ele amasse com seu amor de crente.

Silencio sepulcral... O alampadario Dava, então, uma luz baça e dormente, e a si a propagação de princípios, O que se deu depois? Casualmente

Entrou o sacristão, crendo deserta A sala e nido padre á Capela. Como alguém que zonhou e que desperdia

Riu-se, ao vel-o de pé, perito á janella... O padre com a batina toda aberta, Limpando as costas do vestido dela...

Peraldiano.

(Ceará).

casos mais frequentes de extraviados do sentimentalismo.

Uma virgem, que abandona o lar paterno, onde é idolatrada, para se encerrar em um convento, onde vai mirar durante longos anos, á mingua dos mais doces e inefáveis afectos da família, age ou não por um sentimentalismo extraviado?

Vê, agora, aquele jovem, que por um arrufo de misticismo, se prostra a fio comprido aos pés de um bispo velho e tremulo, que com um simples *Accede hinc* tem a presunção de sufocar as paixões, que lhe esteam a alma.

E essa mãe de família que, cumprindo as ordens do seu director espiritual, sai clandestinamente da sua casa, julgando fazer acção meritoria, e desobedecendo aos ditames do seu esposo vai desvendar a um intruso qualquer, encerrado em um confessional, todos os segredos do lar, vai pô-lo ao corrente de todos os seus actos, de toda a sua existência, dos seus mais íntimos pensamentos, essa mulher está ou não sob a influencia de um sentimentalismo extraviado?

A instrução religiosa só serve para exaltar esse sentimentalismo religioso, que de Sebastião Leme não concede seja, mas que de facto é, o alicerce exclusivo da religião.

Ela serve exclusivamente para sobrecarregar a mente da mocidade, enchendo-a de anquilha, que só mais tarde podem ser eliminadas mediante uma sé educação filosófica.

E' vero antigo do clericalismo atribuir todos os males que se manifestam na sociedade á falta de instrução religiosa, como se a sociedade dos tempos actuais, a qual do que meos cuida é de questões religiosas, não fosse incomparavelmente melhor do que a dos tempos barbaros da Idade Média, que foi o periodo aureo da Igreja.

O chavão eclesiastico já não produz effeito algum.

O povo vê, a cada passo, homens da mais alta moralidade que não acceitam as bulas do catolicismo e de outro lado vê também, á cada momento, tipos, que vivem genuflexos perante os altares e de terço na mão, a cometerem os mais inqualificaveis abusos, a perpetrarem os mais abominaveis delictos.

Os padres preconizam a instrução religiosa, porque a elle estabelecem, em síntese, que o ministro da igreja é o representante de Deus na terra e que á casa sacerdotal compete o governo de todo o orbe.

Não pegam as bichas, o melitudo d. Sebastião Leme.

A sua teia é um organismo em fase de declínio.

A mentalidade humana tem hoje horror ao polvo que, durante seculos e seculos, procurou cortar-lhe os surtos, cobri-lhe os inais sublimis impulsos.

Hoje em dia — *Sursum corda!* A intelligencia do homem tudo vê, tudo examina, tudo critica.

E usando desse direito, que a sua Igreja tanto se esforça por lhe suprimir, ella chegou á conclusão clara e insofismavel de que a religião, pela qual tu — o bispo de Orthesia, estás imprópriamente a te bater, é incompativel com a lei do progresso, que rege todo o universo.

Ignoto.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

Passando no dia 21 do corrente o 2º aniversario da fundação desta associação e sendo uma sexta-feira, ficou resolvido, para que todos os associados possam a ella comparecer, transferir-se para domingo á noite, 23, a sessão comemorativa.

O nosso salão está franco a todas as pessoas que á mesma quiser assistir.

A Diretoria.

Dr. Nazianzeno de Vasconcelos

Dr. Sobral de Campos

ADVOGADOS

Encarregam-se de todos os serviços de advocacia e procuradoria de portuenses residentes no Brasil.

Toda a correspondência deverá ser dirigida ao Dr. Sobral de Campos, para a Rua da Victoria, 94, 1.º — Luso.



As novas complicações da questão balcânica — O conflito rumeno-búlgaro: um que pede a paga da sua expectativa — A cidade das minaretes, a muito desejada — Rações politicas dos praticos criticos da búlgaria: não se trata de pontos, mas de negócios — Um golpe dos patriotas jovens turcos — Analogias entre dois grandes factos históricos — Falta a Comunidade... — Hora de provação.

LISBOA, 27 DE JANEIRO

A questão balcânica ia-se tornando pouco interessante e pouco atual. A opinião estava fadada do assunto e sobretudo das lentas e trabalhosas negociações de Londres. Tinha-se habituado ao permanente perigo duma grande conflagração europeia, á força de a ouvir proclamar.

Demais, dizia-se que a paz estava em quasi assegurada e que as complicações haviam de ser amigavelmente resolvidas. A confiança invadia os animos.

Infelizmente, vieram novos factos, novos incidentes desfazer essa confiança, lançar a perturbação e o sobresalto. De novo se fala num retorno de hostilidades balcánicas e na possibilidade de um gravissimo conflito entre as grandes potências.

A questão rumeno-búlgara, insultada pela Austria e pela Alemanha, foi dos grandes motivos de inquietação. A Róménia exige compensações para a sua neutralidade e para a sua benevolência expectativa; pretende uma boa fatia do bolo balcânico...

Depois veio a questão de Andrinopla e das ilhas de Egeu. O debate era principalmente em torno da famosa cidade turca dos cem minaretes: nem os turcos se resignaram a perdê-la, nem os búlgaros podiam desistir da sua posse...

E' verdade que estes não a conseguiram tomar ainda... E é certo também que ella é essencialmente turca, não servindo portanto para a reivindicação do famoso pretexto da libertação dos irmãos de raça e de religião, com que os porqueiros da Sérvia, os exportadores de cereais da Búlgaria e os camarcieiros gregos justificaram a cruzada santa...

Mas bem lhes importa, aos búlgaros, a raça (não odeiam elles os gregos aliados?) ou mesmo a sua religião?... A prova é que, se lhes derem Andrinopla, prometem allí plena liberdade religiosa, a neutralidade das mesquitas, e ainda outras garantias e excepções á sua soberania...

O que elles querem, não é converter infieis, nem fazer triunfar o cristianismo. O que á burguezia búlgara, prática como todas, ambiciona é a hegemonia espiritual da cidade, nem a posse das mesquitas: é simplesmente a prosaica estação ferroviária. O que eles pretendem firmemente possuir é toda a linha de que Andrinopla é a chave. Poderia esta chave ficar nas mãos dos turcos? Insofissivel absurdo! Seria perder grande parte dos benefícios da guerra...

Identico raciocinio faziam naturalmente os turcos — e daí a teimosia reciproca, o indefinido arrastar-se das negociações, o quasi rompimento...

O governo turco in, porém cedeu, e «assembleia dos notaveis» tinha-se resignado á dolorosa amputação — ao que parece, sob a enérgica pressão da Rússia, santa protectora, não desinteressada, dos Estados balcánicos — quando se deu a já temida explosão de patriotismo otomano, e os jovens turcos se apoderaram violentamente do poder, para reter Andrinopla e «salvar a pátria»...

Guardadas as devidas proporções, a guerra balcânica tem todos os successos aspectos da guerra franco-alemã. A Liga Balcânica (esboço de Confederação) formada sob uma habilidosa impulsão patriótica e sob a hegemonia da búlgaria, para retahar e desmembrar a Turquia, em proveito

dum novo imperio, rial ou virtual, e duma nova expansão economica e militar reprodut o processo da formação da Confederação Germânica, sob a hegemonia da Prússia. A Turquia representa as mil maravilhas o papel desgraçado da Franca; e agora o pronunciamiento dos jovens turcos, com o seu herói Eaver bey, até se folheira tem em proclamação da república, após abdicção do sultão — parece um tanto a república de Gambeta e da «defesa nacional»... Falta ainda a Comunidade — prosa que se me affigura pouco ao alcance das mínguas forças proletariatas. Constantinopla, que no entanto não são de todo inexistentes e desfrutadas.

Mas o pior de tudo é que estamos de novo em plena complicação terrível, ante o espectro ameaçador da tam temida e annunciada conflagração europeia. Hora de provação para o povo trabalhador.

Nemo Vult

ESMAGANDO PEQUENOS REPTIS

SUMARIO: Furor hidrofolico e lanternofobia de dois folclóricos batistas: O Jornal e O Escudeiro: aquelle Rio, este de Friburgue. Por causa do nosso artigo Jesuitismo Batista da Lanterna n. 166. — O que á Lanterna, para os nossos leitores. Um detestavel pasquim e veiculo de difamação: O Escudeiro: um jornal rubro, afirma O Jornal Batista: «Ferrer, nosso deus e idolo...» — Ferrer, um gator morto, mais, apagar do gator morto, os ratos, camandongas, outros roedores batistas continuam assustados.

Os folclóricos batistas estão furiosos contra a Lanterna, taxativos que não tardam a ficar hidrofolos.

O motivo do tal furor foi um simples artigo publicado no seu n. 166 sob o epigrafe *Jesuitismo Batista* rubricado pelo obscuro autor das presentes linhas e que outra coisa não era senão repelir ao *Jornal Batista* uns tantos conceitos omitidos acerca do grande apostolo do racionalismo que se chamam Ferrer. O *Escudeiro Batista*, porém, não gostou da surra aplicada ao seu querido colega, O *Jornal Batista*, e, tomando as dores pelo mesmo escreveu o seguinte no seu n. 55 correspondente á janeiro deste anno:

— A Lanterna é um detestavel pasquim que se publica em S. Paulo, cujo elemento intelectual é da peor especie (isto é) lo conigo, sr. Ignoto e Adreclal... poristo que em vez de projectar luz, expelle jacto da mais patrida lama a quantos tem a infelicidade de se avizinharem dos seus termos para combatem a sua misantropia e toris ateisticas.

Na disseo do seu deus Ferrer a Lanterna pretende atingir a denominação batista na personalidade do nosso colega O *Jornal Batista*. Não vimos em defesa do nosso colega, porquanto elle sabers pulverizar os distriates que lhe vão assadadas, se tantas honras quizer dispensar ao veiculo da difamação. Vimos tal elemento repelir a linguagem do baixo calão registada por quem parece divorciado dos mais rudimentares principios da boa moral. Os desocupados devem ficar á inteira responsabilidade da policia, a quem compete remover os elementos delictorios para garantia do saneamento moral.

Viram que formidavel refutação ao nosso artigo *Jesuitismo Batista*? Ora, tenham a bondade de releir os topicos mais salientes da cerra da argumentação do folcloro friburgueze: — «A Lanterna é um detestavel pasquim, que se expelle jacto da mais patrida lama...» veiculo da difamação, divorciado dos mais rudimentares principios da boa moral... Os desocupados devem ficar á inteira responsabilidade da policia, a quem compete remover os elementos delictorios para garantia do saneamento moral.

E as provas de tudo quanto assoga-lha, sr. *Escudeiro*? Onde as provas de ser a Lanterna um «veiculo da difamação»? Onde as provas de sermos nós uns imorais e desocupados?

Difficil, senão impossivel, seria ao rev. demonstrar tudo o que diz, e

como não podemos perder tempo a espistar calúnias e calunados, passamos isso por alto para o interrogar do novo: — Quem informo ao sr. *Escudeiro* de que Ferrer é nosso Deus? Nós não temos deus nem deuses, sr. *Escudeiro*, porque somos inteiramente descrentes de todos os sobrenaturais poderes celestes e terrestres, mas do deus e deuses é só bom para os *Escudeiros* e outros lanternofobos batistas, que nisto veem um meio de comer sem trabalhar. Nós, pelo contrario, somos trabalhadores e não temos necessidade de ameaçar ninguém com o fantasma daquelle Jeová trancudo da Biblia, ou com as promessas e castigos desse novo Buda chamado Christo. Nosso lema é: — *Nem deuses nem amos!*

Poderíamos extender-nos ainda; mas já dissemos que o tempo urge e é preciso esmagar outro pequeno reptil.

Este é O *Jornal Batista*, que, na sua edição de 6 de fevereiro deste anno, 2.º pag. 4, deu, em caracter normando, este titulo, acompanhado da seguinte noticia:

«A LANTERNA — Só graças ao nosso colega O *Escudeiro Batista* sabemos que aquelle jornal anticlerical de S. Paulo nos honrou com as explosões da sua ira por termos a audácia de tocar ao seu idolo, aquelle Ferrer que, ao mesmo tempo, é um gato morto com que fugistam não só o clericalismo mas todos aqueles que professam o nome de Deus. Não tivemos o prazer ou desprazer de ler o que o citado jornal de nós disse, nem isso nos incomoda (para quem não têm vergonha, naturalmente...)»

E pelo que vemos do nosso colega O *Escudeiro* não poderíamos responder ao seu jornal rubro...

Por covardia e absoluta falta de argumentos, está viado!

Ora bem. O *Jornal Batista* plagia o embuste do seu colega *Escudeiro*, afirmando que Ferrer é nosso idolo, quando é sabido de todos que nós não temos deuses, quando mais idolos! Feliches e idolos possuem-nos os batistas, e o principal dos tais é aquelle Buda dos hiadras, a cuja 2.ª edição, muito peorada, os discipulos daquelle comedor de galatinhos que se chamam João Batista, pegaram o titulo de — Christo. Além disso, os batistas, como seus irmãos presbiterianos e católicos, são politeístas: — adoram um deus policéfalo, isto é, com tres cabeças. Deus, pci, deus filho e deus espirito-santo, que por regra matemática deveriam somar tres deuses, não percebem mais que um só, deluzindo-se daqui que esse deus dos batistas, ou é um corpo com tres cabeças ou uma cabeça com tres corpos, e quer num caso quer noutro o resultado é sempre estúpido e absurdo.

E ainda dizem que nós temos idolo!

Afirma tambem o rev. folcloro Batista II que Ferrer é um gato morto, mas não por isso os ratos, camandongas e demais roedores batistas cantem victoria porque ainda ha muitos gatos vivos que em nossos tempos podem causar serios incomodos aos ratos batistas continuai, pois, no vosso oficio de roedores favorecidos pelas trevas da ignorancia, mais ide com cuidado porque os gatos ainda vivos não perderão ocasião de dar-vos caça, triturando-vos entre os dentes do ridiculo e mostrando ao mundo quem sois vós.

José Martins.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade da sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião. Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:	
100	128000
50	68500
25	38500
1	\$200
Na redacção:	
100	108500
50	58500
25	38000
1	\$200

A todos as sociedades, grupos e companhias que se decidirem á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido redigida a sua edição.

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

A "Lanterna" transformada em diario

Com mais algum esforço o nosso projecto tornar-se-á um facto

Estamos em caminho da realização do nosso grandioso projecto. Os amigos da Lanterna reconhecem a necessidade imperiosa de sua transformação em diario para satisfazer as crescentes necessidades da propaganda.

Chegam-nos diariamente numerosas cartas de alarde e compromissos para o nosso empreitico.

E grande o entusiasmo. Entretanto é preciso ultimar os trabalhos e meter mãos á obra.

Os companheiros que ainda não nos responderam que o façam sem demora.

Urge dar execução á obra que tantos benefícios trará á propaganda.

Sr. Edgard:

Visto o seu jornal ir-se tornando diario, tomarei tambem uma acção, tendo a de assinar outras, mas as finanças estão me apertando muito.

Cravinhos, 16 — 2 — 913.

A. M. A.

Sr. Edgard Leuenroth:

Envio á sua edição o meu compromisso de 5 acções, para que possam ver em pouco tempo a Lanterna um jornal diario e progressivo, que para mim será uma satisfação.

Cravinhos, 16 — 2 — 913.

José Antonio da Costa Piza.

Sr. Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Senti um grande entusiasmo ao ler no numero 171 do nosso valoroso e intepido *batista* que se de sejava a sua publicação diario. Um bravo á grande iniciativa, á essa vontade de acção, poderemos combater essa praga daninha que se chama clero e caterva.

Sabará, 15 — 2 — 913.

João de Siqueira Cruz.

Amigo Edgard Leuenroth:

Com esta envio-lhe o coupon devidamente preenchido e preenchido com o numero de acções de meu compromisso de momento.

Oxali consiga levar avante o seu louvavel intento para mais largamente contribuir no desenvolvimento de ideais tendentes á elevação do caracter humano e ao mesmo tempo elucidando os abusos que em realtante progresso este grande país va suportando.

Pelotas, 6 — 2 — 913.

X.

Sr. Edgard Leuenroth:

Saudações.

Declaro acceitar com muito prazer a sua lembrança de transformar a Lanterna em diario. Se todos os anticlericaes livres-pensadores concordarem para esta ideia em breve seja um facto, teremos aqui meu caminho andado para a derrota completa do clero e de um grande passo para a conquista de nossa felicidade. Junto remeto-lhe o coupon subscrevendo duas acções.

Caxambu, 16 — 3 — 913.

Delfim Moreira Ramos.

Sr. director da Lanterna:

Junto á esta envio-lhe o coupon por mim subscrito com 3 acções. Teria muitissimo prazer que a Lanterna vá sempre avante e se torne diario.

Avare, 11 de fevereiro de 1913.

Florencio Pires.

Prezados amigos da Lanterna:

Nesta vai incluído o coupon de compromisso de subscricao com que o amigo me distinguio; não me é possível tomar maior compromisso, o que me desculpará. Sinto profundamente não poder tomar cinco ou seis desses compromissos para uma causa tão salutar como a que acaba de empreender. Depende dos amigos do progresso.

Morim os serviu!

Cordeiro, 9 — 1 — 913.

José Antonio Demarchi.

Caro Edgard:

Saudes.

Reconheço que é de grande e indispensavel necessidade tornar um facto a publicação diaria da Lanterna. Por isso, voluntariamente e com a melhor boa vontade contribuirei, como sou capaz, com o meu grão de areia para ver definitivamente realizada essa tua tão louvavel ideia. No proximo pagamento comprometo-me de ficar com uma acção.

Sempre cordialmente teu

Zeferino Oliva.

S. Paulo, fevereiro, 1913.

Estimado companheiro:

Tem esta o fim de torna-lo sciente que estou pronto a subscrever algumas acções para transformar a Lanterna em diario.

Essa sua ideia é esplendida, porque trará nova faze para a propa-

ganda anticlerical, tornando-a mais ampla e eficaz em casos que se dão todos os dias e que precisamos logo ser publicados para a orientação de publicos.

Queira, pois, juntamente com os outros camaradas, acceitar as minhas sinceras felicitações pelo teu nobre e espinhoso empreendimento que vá fazer, podendo desde já contar com o meu fraco apoio, em todo quanto lhes puder servir.

Jahu, 13 — 2 — 913.

Francisco Bonilha.

Amigo Edgard Leuenroth:

Saudes, paz e Lanterna diaria. Recubi com muito entusiasmo o questionario offerecido pelo amigo relativamente ao nosso jornal. Já me dispunha para manifestar-lhe o meu fraco apoio, e se não fôr incontinente, foi por causa da aguardada chegada do coupon, conforme a promessa feita anteriormente. Tomo cinco acções, 4 umas insignificantes, que conheço, mas é o unico meio que posso patenatar a minha boa vontade de operário pobre. Sou um fraco soldado do Livro-Passante; mas em se tratando do nosso ideal, já mais pouparei sacrificios, mesmo porque, estando não só convencido, serrei forte: «Um forte ideal, faz forte fraca gente».

No mais, avante!

João Manoel F. Pena.

Vilã de Itatuna, 11 — 2 — 913.

Amigo Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Devo-lhe o meu compromisso para a publicação diaria da Lanterna. Não desejo que me considere *trido remido* e com direito a todas as *bonaventuras* do Livro-Passante; não, vejamos o resultado final e aqui estou sempre no meu posto de libertino pensador.

Estação de Itara, 11 — 2 — 913.

Ernesto Pena.

Carissimo Edgard:

Nunca deixei de contribuir, de acordo com as minhas forças, para qualquer iniciativa que tenha por escopo debelar o mal que tanto afflige á humanidade, e nem um operário ou cidadão que se diga livre deve ser indifferente á esta tua decisão.

Mas uma coisa devo manifestar: finde que a Lanterna não possa ser imediatamente dissolvida, e necessário contribuir no desenvolvimento de ideais tendentes á elevação do caracter humano e ao mesmo tempo elucidando os abusos que em realtante progresso este grande país va suportando.

Belo Horizonte, 2 — 2 — 913.

Alexandre Zanella.

Companheiro Edgard!

Em virtude das necessidades da Propaganda, estamos todos de comum accordo que a nossa luminosa Lanterna se torne o arauto do nosso combate diario. Muito temos a ganhar com essa iniciativa, que bastante virá contribuir para o encorajamento da nossa luta, favorecendo a victoria da causa que defendemos, e é a causa da emancipação social. E como prova do nosso apoio, envio os dois compromissos que subscrevemos.

Jus de Fora, 9 — 2 — 913.

Galdino de Medeiros, pela S. B. Irmãos Artistas.

Cidado Edgard Leuenroth:

Saudações.

Envio-vos a minha subscricao de tres acções para a publicação diaria da Lanterna.

Itapetininga, 7 — 2 — 913.

Aderbal Paula Ferreira.

FESTA DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramatico Anticlerical — Para estreia deste

nosso prestante grupo de propaganda, realizar-se-á hoje, no salão do Centro Galego, sito á rua da Constituição, 38, ás 8 horas e meia da noite, a bella festa que por engano annunciámos para o dia 20, representando-se o emocionante drama de Henrique Peixoto — *Os la-dões da honra*.

Haverá tambem baile familiar e leilão de prendas.

Os cartões distribuem-se na sede da Liga Anticlerical, na Marechal Floriano Peixoto, 18.

S. S. G.

Aos C... S. S. G. NO BRASIL

Rzgiydyxhvxzvgpqlfvgosxnl-joolgyxipnirjyjkxnl.

C. Superior — Bratil.

